


Ministério da Cultura,  
Itaú e Inhotim apresentam:

**LABORATÓRIO** 2015  
**INHOTIM**





Iniciado em 2007, o **Laboratório Inhotim** é o projeto primogênito do Instituto Inhotim. Os mais de 300 jovens que participaram do projeto ao longo destes anos contribuíram, cada um à sua maneira, para as transformações pelas quais ele passou até hoje.

Carinhosamente chamado de LAB, o nome faz jus ao que o projeto propõe em sua essência: a formação continuada de jovens do município de Brumadinho por meio da experimentação, do estímulo à criatividade e ao protagonismo juvenil, de questionamentos sobre questões da contemporaneidade e sobre a alteridade e do desenvolvimento de um posicionamento crítico dos sujeitos envolvidos.

As vivências do Laboratório mesclam atividades práticas semanais, intervenções nas comunidades de Brumadinho, pesquisa artística, viagens ao mundo das artes e a mundos imaginários, além de parcerias nacionais e internacionais.

Este ano, a turma do módulo II visitou a Bienal do Mercosul, em Porto Alegre. Nesta expedição, convergiram-se os quatro elementos que permearam o processo de trabalho dos jovens ao longo do ano – o corpo, a rua, o museu e o futuro. Várias obras da Bienal eram sensoriais, um convite irrecusável à fruição com o corpo. As caminhadas por ruas desconhecidas propiciaram descobertas a cada esquina e novas formas de interação do corpo no espaço. A cidade foi vista também como um museu em movimento e os museus visitados serviram como referência investigativa. As observações e experiências da viagem despertaram nos jovens mais desejos e perguntas para o futuro.

Momentos como este enriquecem o trabalho contínuo feito com os jovens no Inhotim. Sempre às terças e quintas, os participantes do LAB enchem o Inhotim de cores, indagações e propostas, em uma troca constante de conhecimento com os educadores. Todos aprendem, todos se transformam.

Vida longa ao Laboratório Inhotim!

**YARA CASTANHEIRA, GERENTE DE EDUCAÇÃO**

O **Laboratório Inhotim**, realizado pelo instituto desde 2007, atende anualmente 30 jovens moradores de Brumadinho e seus distritos rurais, matriculados na rede pública de ensino local. O projeto busca a formação continuada desses jovens para o desenvolvimento de um olhar crítico com relação à sociedade, criativo diante dos desafios e tolerante à diversidade.

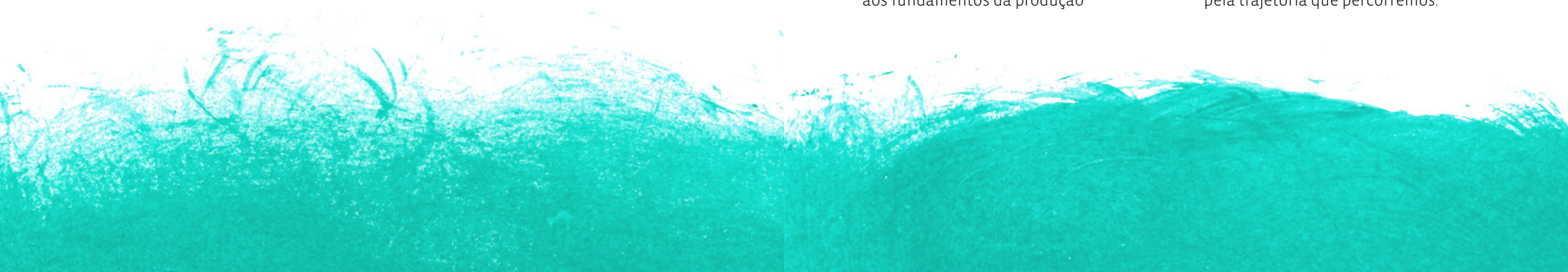
Os 30 participantes se dividem em dois módulos. O primeiro, composto por 20 jovens, cria um ambiente que oferece ao grupo a oportunidade de experimentar diversas linguagens e estratégias de expressão a partir das referências fornecidas pelo acervo artístico do Inhotim. Pesquisas, discussões, experiências em campo e ações na cidade são algumas das etapas realizadas em cada tema proposto.

Do segundo módulo fazem parte 10 jovens que já concluíram o primeiro em anos anteriores. Nele, os participantes são introduzidos ao universo da pesquisa em arte contemporânea, sendo apresentados aos fundamentos da produção

do conhecimento, seus métodos e processos. Nessa fase, intensificam-se as relações entre o jovem pesquisador, seu educador orientador e o objeto por eles investigado. Durante o percurso, o grupo participa de seminários e compartilha seus resultados.

A cada ano, o Laboratório faz um recorte no universo da arte contemporânea para conhecê-lo melhor. Recortar, para nós, é desenhar um ponto de partida. Neste ano, o recorte escolhido foi **o corpo** como forma de expressão e **a rua**, o corpo coletivo, como espaço de atuação. Tudo isso investigando **o museu** como referência principal. Ao final dessas experiências, encerramos nossa jornada refletindo sobre **o futuro** e suas impermanências.

Este catálogo é composto fundamentalmente pela fala dos jovens que experimentaram o Laboratório Inhotim em 2015. É a voz de cada um deles que pretende conduzir o leitor pela trajetória que percorremos.



A group of children and teenagers are captured in motion, performing a dance or movement exercise in a dark room with a wooden floor. The participants are dressed in casual clothing, including white t-shirts, dark pants, and white dresses. A prominent blue brushstroke graphic is overlaid across the center of the image, partially obscuring the dancers. The text "O corpo" is written in white on this blue graphic.

O corpo



“O corpo para mim  
é movimento, é uma  
forma de me expressar,  
através da dança,  
de um sorriso”.

MILENA ARAÚJO, 16 ANOS. MÓDULO I

Existe sempre um certo espanto, um receio, quando entramos em contato com alguma coisa nova. É necessário elaborar estratégias para que essas reações sejam acolhidas a cada vez que uma nova turma se forma no Laboratório Inhotim. Afinal, estamos explorando um universo estranho. Existe, contudo, um segredo: temos todos uma fantástica ferramenta para trazer a arte ao nosso alcance – o nosso próprio corpo. Não esse que nos carrega de um lado para o outro dia após dia. Trata-se de um outro corpo a se descobrir, que nos possibilita ressignificar nossas vivências cotidianas e descobrir tantas outras.

*“Em abril de 2015 a gente recebeu aqui no Inhotim a coreógrafa mexicana Alma Quintana e ela veio com a intenção de fazer várias propostas pra gente poder conhecer um pouquinho mais do trabalho que ela faz e um pouquinho também do que a gente faz e acho que juntos a gente pôde relacionar isso de uma forma muito prazerosa. No primeiro encontro, ela começou propondo dinâmicas pra gente conhecer melhor o nosso **corpo**, pra gente poder encontrar no nosso corpo movimentos que às vezes usamos no dia a dia e que nem percebemos que é um movimento que pode se tornar algo muito valioso na dança.*”

*Alma também realizou oficinas lá em Marinhos, onde eu moro, com a Oficina de Percussão do Inhotim, da qual eu também faço parte. Como a gente já tinha se encontrado aqui no Laboratório, ela ficou surpresa, tipo: “ah! Você aqui de novo?”. Então começamos a conversar e, com o grupo de percussão, percebemos que, automaticamente, quando o corpo ouve o som do tambor, já começa a se mexer. Alma me ensinou que, se a gente juntar o som do tambor com o corpo, a gente pode desfrutar de muitas coisas que ainda não existem. Na cultura dela, essa coisa*

de tambor, de congado, de moçambique é algo muito diferente. Pra gente já é algo que naturalmente acontece, porque nascemos com isso e ela não. E aí ela me convidou a aprender uma coreografia e apresentá-la no teatro do Inhotim. No começo eu pensei: como que eu vou fazer? Mas nós tivemos outros encontros e foi aí que fui aprendendo que dentro da gente tem algo que, se a gente colocar pra fora, a gente vai fazer sem perceber. É assim com os movimentos: quando a gente libera aquilo, já estamos mexendo, já estamos trabalhando sem que a gente se dê conta. Eu percebi muito na convivência com ela que a expressão do corpo não quer dizer nada além daquilo que você está sentindo por dentro. Eu achei superbacana porque eu descobri coisas de mim que nem eu sabia que tinha.

Todo esse processo de oficinas e encontros que a gente teve com a Alma, tanto no Laboratório como na Oficina de Percussão, foi um processo de preparação pra

um filme que ela gravou. Ela preparou nosso corpo, mostrou pra gente como soltá-lo, como funciona a expressão corporal, pra depois no final fazer uma gravação. Nós aprendemos um tipo de dança espontâneo, sem uma coreografia certinha, que a gente sabe que tem que sentir e simplesmente deixar fluir.

A atividade com ela de que mais gostei foi aquela em que a gente tinha que deitar no chão, fechar os olhos, aí um colega se aproximava e fazia vários movimentos com o corpo da gente. A gente tinha que memorizar esses movimentos e depois tentar reproduzir igualzinho com outra pessoa. Quando você estava olhando o outro parecia fácil, mas quando era a sua vez, você via que toda concentração era necessária. Pra quem observa parece fácil, mas não é tão fácil assim, você tem que sentir, ter emoção.”

**RHAYANE ESTÉFANE ALVES,**  
16 ANOS. MÓDULO II.





A rua

“Espaço é um meio de ocupação, e que você pode intervir com brincadeiras, construções e muito mais. O espaço pode ser nosso, pode ser de um indivíduo ou de todos. O espaço é fundamental pra maioria das coisas. O espaço pode ser delimitado ou infinito. A concepção de espaço pode ser de acordo com o ponto de vista da pessoa.”

KELLY EDUARDA, 15 ANOS. MÓDULO I

“A rua é pra onde a gente vai para fugir de lugares fechados, pra ver gente, ver a paisagem e movimentos distintos.”

CÉLIO EDUARDO, 17 ANOS. MÓDULO I

A rua é um outro espaço explorado pelo Laboratório não só como suporte para certas atividades, mas também como matéria. As incursões à cidade de Brumadinho são ações que possibilitam aos participantes observar e ressignificar seus espaços de circulação comum, entendendo como a arte pode modificar a realidade cotidiana. “Na rua, a vergonha da desordem não é mais nossa”, pontua o antropólogo Roberto da Matta no livro *A Casa e a Rua*. Isso, talvez, seja o que possibilite que as intervenções e ocupações propostas na cidade, sejam elas na praça, no muro da casa ou no padrão de energia, ganhem em liberdade e se tornem mais potentes.

“Durante os encontros com o Cléverson Salvaro e com a Sílvia Herval, a gente falou sobre a questão do caráter interventivo, das situações que nós vivemos e como nós podemos modificar o nosso **espaço**. Nós trabalhamos essas ideias fazendo uma ação interventiva no Brumado, um distrito aqui de Brumadinho. A gente começou todo um processo, desde a criação, a elaboração, até o resultado final. Na fase da elaboração, pensamos no que queríamos fazer primeiro, depois pensamos nos materiais que precisávamos e em que lugar iríamos intervir. A gente escolheu trabalhar com os padrões de energia das casas, que normalmente ficam do lado de fora, na **rua**. Fizemos uma expedição primeiro, observando o Brumado. Partindo dessa observação, vimos o que nos instigava. Ficamos muito curiosos em relação aos padrões de energia, porque era parte das casas, mas ficava na rua, tinha acesso pela rua, em recuos nos muros das casas. E na verdade a gente

queria sair dos padrões, entre aspas, então brincamos com essa ideia de sair do padrão, intervindo nos padrões de energia. A gente se dividiu em grupos e cada grupo fez uma intervenção em um padrão diferente do bairro. Pedimos permissão dos moradores, mas algumas casas estavam abandonadas.

A intervenção do meu grupo, a gente chamou de ‘Water’. Nós utilizamos azulejos feitos de papéis que foram impressos, a gente fez lambe-lambe, misturamos cola com água pra fixar os azulejos de papel nas paredes do padrão de energia que ficava num vão no meio do muro de uma casa abandonada. Aí arrumamos uma cortina, pra fazer tipo um box de banheiro mesmo, com chuveiro e tudo. Colocamos uma decoração na cortina, que a gente fez com borboletas de papéis coloridos. Era um box de banheiro que ficava entre a casa e a rua.”

PATRICK MIRANDA, 15 ANOS. MÓDULO I.



Intervenção em Brumado



“Esse ano, pela segunda vez, fizemos o festival de rua. Esse festival surgiu da ideia de levar lazer e ocupação para lugares que não tinham, lugares mais distantes que não tinham acesso à cultura. Ano passado fizemos o Festival Mambembe que foi na **praça** do Canto do Rio, que teve oficinas de pintura, grafite. Esse ano foi escolhida a comunidade do Aranha, que é o distrito onde eu moro. Chamamos o festival de Korocupá. O nome surgiu por causa de “cor” e “ocupação”. Teve apresentação de música, com a participação do pessoal de Marinhos, além de outros grupos. Também teve os Jovens Agentes Ambientais que fizeram uma oficina de tintas naturais, em que eles utilizaram urucum, terra, essas coisas. Usaram a tinta pra fazer desenhos, pinturas. Teve o mini Happy Holi, que foi um projeto do Laboratório, que utilizou polvilho e corante pra fazer tinta em pó. As pessoas se divertiam jogando cores, ficou tudo animado, aquela empolgação!

O festival foi uma coisa que nunca tinha acontecido no Aranha, que é um lugar muito parado. Quando o pessoal do Inhotim foi lá, inicialmente os moradores ficaram meio assim: “Que que esse povo vai arrumar aqui?”. Mas depois que viram o resultado, muitas pessoas chegaram e comentaram comigo que foi uma coisa muito boa, que foi uma tarde ótima! Que teve distração. Nós fizemos um forno de barro lá também, que foi uma ótima ideia. Eles gostaram porque fizemos biscoitos e distribuímos. Achei muito bacana, um evento que aproximou o pessoal do Aranha e do projeto. Também fizemos algumas fotografias dos moradores do Aranha, com intenção de registrar a história do lugar e resgatar memórias dos moradores, as coisas que ficaram marcadas pra eles sobre a história do Aranha. Depois do festival, o pessoal do Aranha viu que não é preciso de muito pra realizar uma atividade ao ar livre para o público. E o pessoal do Aranha viu que é possível a utilização do espaço, que a praça é um lugar bom, mas estava muito abandonado. As pessoas nem iam pra praça. Isso ajudou bastante as pessoas a enxergar com um outro olhar, outra visão. Uma visão mais ampla do espaço que elas têm.”

**DANIELA SOUZA, 16 ANOS. MÓDULO II.**

“Praça pra mim é um local onde tem vários bancos, árvores e outras plantas, onde pessoas vão para conversar e brincar.”

**GEOVANNI HENRIQUE, 14 ANOS. MÓDULO I**









“Intervir é fazer com que algo que é despercebido chame a atenção”

GABRIELA NERY, 17 ANOS. MÓDULO I

# Construção de um forno comunitário para fazer biscoitos

DANILO FARIA, EDUCADOR

A construção de um forno comunitário é um desejo antigo da equipe de educadores do Laboratório Inhotim. Vem desde a viagem de intercâmbio que fizemos à cidade de Buenos Aires em 2013, quando visitamos a Escola Juan José Castelli. Na escola existe uma reconstrução da obra “Construcción de un horno popular para hacer pan”, de Victor Grippo. Em um muro perpendicular àquele onde se apoia o forno podemos ler uma famosa frase de Grippo: “Cuando el hombre construyó su primera herramienta, creo simultaneamente su primero objeto útil y la primera obra de arte”. Essa visão aparentemente utilitarista da arte faz eco a outras tendências da arte contemporânea, como a arte conceitual ou as acintosas ações de questionamento ao Cubo Branco. O espaço pretensamente neutro da galeria é então acusado de ser elitista por conferir à arte uma posição enrijecida na sua relação com o público.

Para a experiência que propomos aos jovens participantes do Laboratório

Inhotim, tivemos sempre a cidade como um campo a ser explorado, investigado, o palco último das ações resultantes das reflexões e exercícios. Pensamos a arte como um mecanismo interventivo, algo que permita ocupar a cidade, resgatar a posição de sujeito na relação com o espaço público, promover o protagonismo e o pertencimento. Não à toa, ao longo de 2015 o programa convidou para uma residência o artista Cléverson Salvaro e a arquiteta Sílvia Herval, ambos experientes em ações de intervenção e ocupação urbana. Esse momento, de grande importância para todos, permitiu que trouxéssemos referências, discussões e reflexões sobre o tema da ocupação, além de ações práticas, que resultaram em uma série de **intervensões** no distrito de Conceição de Itaguá - Brumado, em Brumadinho.

É interessante notar como a maturação dessas discussões toma tempo, e que de uma ação à outra – ou seja, das ações de intervenção no Brumado

ao Festival de Rua – os jovens puderam compreender a dimensão política da ação, a importância de se integrar à comunidade, de promover algo que seja significativo para todos, sobretudo para quem propõe e se arrisca. A proposta de construir um forno de cupim, uma ferramenta – mas também um objeto de arte – parte, portanto, dos jovens. É um desejo deles, que curiosamente possuem fornos de barro, de cupim e de tijolos em casa, já que muitos vivem na zona rural. Não que não tivéssemos falado de Grippo e de sua ação, já que se trata de uma referência e uma inspiração que nós, educadores, apresentamos ao grupo. Mas o desejo, a disposição e a insistência parte dos jovens: “queremos construir um forno de cupim na praça pra gente assar biscoito no dia do festival”.

É parte da nossa prática tornar possíveis os desejos aparentemente absurdos dos jovens. A arte contemporânea tem promovido a realização de construções impossíveis na forma de esculturas, situações, instalações e vídeos. A arte contemporânea faz, portanto, questionar a impossibilidade dessas realizações. Fazer um forno comunitário para assar biscoitos no meio de uma praça pública pode soar absurdo a princípio, mas preferimos questionar a negativa e não o desejo. Sim, podemos fazer um forno. Por sorte, temos em Inhotim gente que sabe fazer, como é o caso do senhor Milton, que trabalha na manutenção do parque mas que é, também, um habilidoso construtor de fornos – especificamente desses que usam a estrutura de cupinzeiros como base. O senhor Milton nos passou uma lista de materiais de que precisaríamos e nos assegurou que “em uma tarde dá tranquilamente para fazer”. E deu mesmo, tá lá, pronto, o forno de cupim. Ele assou biscoitos para todos no dia do festival – esse, aliás, chamado de Korocupá, palavra nova que a gente inventou para falar desse dia em que a **cor** vai ocupar – é substantivo mas é, sobretudo, verbo, como são todas as boas palavras.



“O que pensamos  
quando falamos de cor?  
As cores são alegres.  
Cores são movimentos,  
sentimentos, vida.”

VICTÓRIA LUIZA, 15 ANOS. MÓDULO I



0 museu

No módulo II do Laboratório Inhotim são propostas atividades de pesquisa em que os jovens aprofundam suas relações com o acervo artístico do Inhotim e com a própria instituição. Partindo dessas pesquisas, todos são estimulados a produzir uma reação própria, sob forma de textos, trabalhos plásticos ou performáticos, como forma de responder às descobertas feitas ao longo do processo. O Laboratório compreende o museu como um lugar ativo na produção de conhecimento, um espaço para onde confluem diferentes sujeitos com diferentes visões sobre o mundo e a experiência humana. Por isso, inclui em suas atividades visitas a outros museus e exposições, além de conversas com artistas e outros produtores de cultura.

*“No início do ano os educadores propuseram que escolhêssemos um artista para nossa pesquisa individual. Esse artista deveria ser latino-americano e fazer parte do acervo do Inhotim. A partir daí, não houve limites para a pesquisa. Tivemos livros, a internet e nossos orientadores para expandir nossas informações e construir um texto biográfico sobre o artista escolhido.*

*A produção de um segundo texto, dessa vez uma descrição das obras dos nossos artistas, foi um dos pontos altos, pois nos ajudou bastante a entender além do que a biografia mostra. Esses textos se tornaram uma espécie de guia para que pudéssemos pensar na nossa própria produção plástica.*

*O artista que eu escolhi pesquisar foi o Luiz Zerbini e a obra em que me*

*concentrei foi Mamão Manilha (2012). Ao ver o pé de mamão pintado na tela, me lembrei de um pé de mamão que brotou no cimento, ao lado do portão da minha casa. Imaginando que ele fosse morrer ali, eu o retirei de lá e plantei na terra. Mesmo assim, ele morreu. Talvez estivesse resistindo bem no cimento. A partir daí, comecei a reparar nos mamoeiros que sempre vejo e passei a desenhá-los. Cada um foi nomeado de acordo com o lugar em que o encontrei. Na minha série já existe o Mamão-Casa, o Mamão-Vó Tuca, o Mamão-Baldio e a primeira pintura sobre tela que fiz, lembrando do mamão que nasceu no cimento, e que chamei de Mamão-Primeiro: sobre resistência e poesia, a tela é inspirada nas pinturas de Luiz Zerbini e em outros pintores que conheci durante a pesquisa.”*

**ISABEL SIQUEIRA, 16 ANOS. MÓDULO II.**





“Nesse sábado acordamos cedo para ir ao Museu do Rio Grande do Sul (Margs), que está acolhendo uma parte da Bienal. Lá tivemos a experiência de ver vários artistas, alguns que já conhecíamos e outros novos. Conversamos com os mediadores não somente sobre as obras, mas também sobre a cidade e sobre costumes gaúchos. Isso fez a visita ainda mais leve. Uma das primeiras coisas que eu vi foi o Parangolé, de Hélio Oiticica. Fiquei animada porque estou estudando ele no Laboratório, mas não gostei muito de saber que, por tentativa de preservar a obra, ela foi toda perimetrada para que ninguém encostasse. O trabalho de Hélio, de acordo com meus estudos, foi feito para provocar interação com o público. Eu entendo que seja uma relíquia, já que ele morreu, mas isso me causou um certo estranhamento. Quando escolhi o Oiticica para estudar, aprendi bastante

sobre o neoconcretismo, que é um conceito recente na arte contemporânea. Nesses trabalhos, o visitante deixa de ser somente espectador para ser participante. O Hélio foi um dos pioneiros nisso. Aqui na Bienal, vi alguns trabalhos dele e fiquei bastante feliz, porque é diferente quando a gente olha algo e entende, sabe de onde veio e o que significa. Foi muito bom conversar com os mediadores sobre o meu incômodo e compartilhar com eles o que eu já conhecia sobre a obra.

Depois do almoço, fomos à Usina do Gasômetro para ver mais sobre a Bienal. Fizemos uma visita mediada e, primeiro, aprendemos um pouco sobre a história da Usina, que é um importante ponto turístico da cidade. Entendemos um pouco sobre a transformação do espaço. Essa foi a parte mais legal do dia pra mim.

Tinha mais Hélio Oiticica lá, uma obra importante dele, que eu só conhecia pela internet, chamada Tropicália. Ela parece um labirinto construído com uma arquitetura improvisada. Achei muito linda a forma como ele coloca as cores e as palavras que remetem às cores. É uma característica muito forte dele: cores fortes. Já no segundo andar, uma exposição inteira abordava o cheiro na arte. Tinha uma obra da Lygia Pape que eu também já tinha pesquisado e me deparar com aquilo que eu só tinha visto pela internet foi uma emoção muito grande, principalmente porque é uma obra que podemos provar. Isso é incrível. Também tinha ali uma cama de feno na qual a gente podia deitar. Eu sei que o feno era usado antigamente para fazer cama, então deitar ali era como sentir como nossos ancestrais sentiam, algo que eu faria tranquilamente se eu

precisasse dormir no feno por uma noite. O que mais me chamou a atenção no Gasômetro foi que podíamos interagir com as obras, muitas neoconcretistas. No MARGS, elas são, na minha opinião, mais usadas para mostrar o contexto histórico do qual fazem parte.

A ideia da Bienal, pelo que eu vi e senti, é lembrar o antigo e mostrar coisas novas. É uma feira de arte, mas sem vender, só pra olhar e admirar. É importante visitar pra gente poder entender que existem várias formas de expor a arte, seja em um quadro, dentro de um museu ou em uma praça, ela cabe em tudo. E eu ainda terminei o dia tomando chimarrão. Quero morar aqui quando eu fizer faculdade de história da arte!”

**RAFAELA HERMENEGILDA,**  
16 ANOS. MÓDULO II.



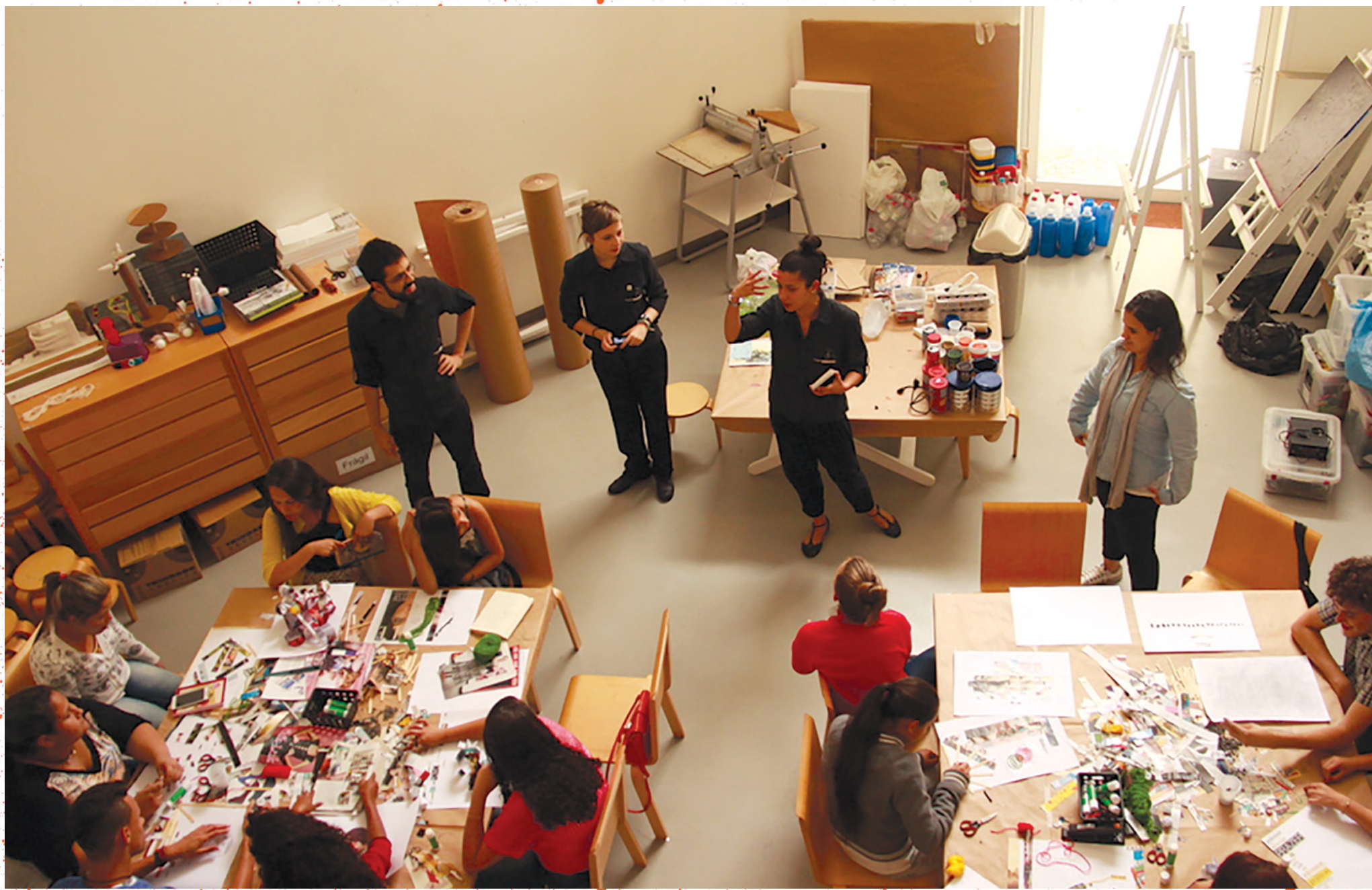


“Eu estudei, durante os últimos meses no Laboratório, a obra “A luz de dois mundos”, do artista Tunga. O trabalho dele é muito diferente e permite que cada um tenha uma percepção própria. Não tem muito como definir, e estudá-lo me ensinou que arte não tem definição. Então eu trouxe isso comigo pra Bienal, esse meu olhar sem querer definir muito as coisas. Domingo foi um dia interessante porque a gente conheceu o Instituto Ling e a Fundação Iberê Camargo. No Instituto, vimos uma parte da Bienal. É um lugar muito bonito. Já na Fundação, vimos obras do próprio Iberê e de outro artista que não conhecíamos, o Abraham Palatnik. Os mediadores foram muito cuidadosos com a gente, nos mostraram os lugares que eles usam para oficinas e nos contaram sobre a história de vida do Iberê. Isso foi bastante proveitoso, porque ele é um artista que transmite emoção nas obras, transmite sentimento, e quando conhecemos mais sobre ele, os quadros e os traços fazem mais sentido. O que eu acho bonito na arte é que ela tem significados diferentes para cada um. Quando olhei para o quadro da bicicleta, do Iberê, fiquei pensando que, se a gente não reagir pra nada, ficar parado no mesmo lugar, não vamos sair dali nunca. É como se a gente tivesse parado em um parque e os nossos amigos na bicicleta, andando.

E se a gente não sair daquela inércia de ficar parado esperando tudo, a gente vai ficar imóvel e nunca vai ser alguém. Isso me impactou e me fez pensar. Os educadores do Museu também falaram sobre o processo de criação dele, foram acolhedores, tiveram paciência, deram espaço pra perguntar, pra gente falar o que sabia e se sentir à vontade.

Essa chance de viajar para um outro lugar e ter esse contato com o novo é muito importante. No Inhotim, o acervo é grande, mas aqui tem coisas diferentes, e é bom demais poder sentir isso e não ficar preso ao nosso mundo. Viajar assim nos traz novas ideias. Pra mim, a maior e melhor ideia que surgiu nesses três dias em Porto Alegre foi a de estudar arquitetura. Fiquei olhando para os lugares que fomos e percebendo esse contraste colonial com a arquitetura contemporânea, prédios contorcidos, altos, baixos, uma mistura. O prédio do Iberê Camargo, por exemplo, se talvez tivesse sido feito na época da minha vó, seria impressionante, e agora eles se misturam e isso é fantástico. A viagem me trouxe também uma nova forma de ver a arte, não só presa a coisas físicas, mas também ao cheiro, ao gosto e a todos os outros sentidos.”

**MILLENE RAÍSSA, 15 ANOS. MÓDULO II.**



O futuro

LABORATÓRIO  
INHOTIM

TOMARA

PROPOSIÇÕES  
PARA UM  
FUTURO  
Qualquer





O que é o **futuro**? Como se chega lá? Ele sequer existe?

O futuro existe como projeção do presente, como especulação, desejo. O porvir pode ameaçar, causar insegurança, ou pode ser hospedeiro das mais fantasiosas e estimulantes expectativas.

Ao longo do ano, o grupo do Laboratório realizou diversas ações coletivas: intervenções urbanas, pesquisas de campo, o próprio festival de rua e experimentações nas galerias do Inhotim. Após todas essas experiências, vimos que era hora de pensar e **criar** individualmente.

Convidado a realizar esses trabalhos autorais, o grupo sentiu que precisava de um tema. “Eu tenho 15 anos. Tenho muito mais o que dizer sobre o futuro do que sobre meu passado ou presente”, disse Gabriela. Em meio a muita discussão, o futuro surgiu como lugar de investigação e foi adotado como proposta para todos, que deveriam responder a esse estímulo na forma de criações que evidenciassem sua relação com esse tempo impreciso.

“O futuro é como uma chuva repleta de gotas de sonhos, desejos, esperança, mas não se sabe onde essas gotas vão cair. É incerto, impreciso.”

VANESSA BRASIL, 14 ANOS. MÓDULO I

“Criar é realizar coisas que venham a mente. É dar vida a objetivos e expectativas que venham ao propósito de cada um.”

LUCAS ALVES, 15 ANOS. MÓDULO I



*“Quando anunciaram que faríamos um projeto individual para ser exposto, a princípio fiquei um pouco insegura, mas ao mesmo tempo animada, e as ideias começaram a surgir. As ideias não tinham muita forma no começo, mas à medida que fazíamos todo um processo, de escolher o tema, debater e escrever sobre o assunto, aquilo que era só uma ideia começou a tomar forma e a fazer sentido. A maneira como eu falaria e mostraria meu projeto ficou decidida. Comecei a trabalhar nele e assim ele se tornou algo real. Fiz um vídeo em que barquinhos de papel, nos quais pessoas haviam escrito seus sonhos para o futuro, eram levados por um curso d’água.”*

**VANESSA BRASIL, 14 ANOS, MÓDULO I.**

*“Desde quando foi proposto pra nós que criássemos uma exposição a partir das nossas últimas pesquisas, de cara já veio o entusiasmo porque eu nunca havia feito um **trabalho** que seria mostrado pra várias pessoas. O meu trabalho foi algo que só mesmo com a minha explicação as pessoas conseguiram entender. Foi difícil explicar a mesma coisa pra cada pessoa que perguntava. Minha ideia surgiu depois que eu encontrei um artigo que contava a trajetória do artista Victor Grippo e relacionava seu trabalho à alquimia. Relacionando isso com o tema do futuro, criei uma pequena instalação chamada “Experimento Alquímico: Bebê de Proveta”, na qual um bebê era gerado pela energia contida em uma batata. O Grippo trabalhou muito com a energia das batatas.”*

**WENDER MELO, 15 ANOS, MÓDULO II.**

Fazer um trabalho de arte não é só pensar na estética, mas sim ter uma ideia e passar o conteúdo dessa ideia para uma estrutura.

**VITÓRIA LORRANE, 15 ANOS, MÓDULO II**

Preparação

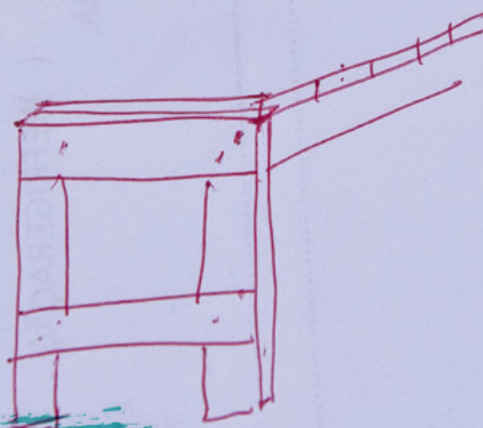
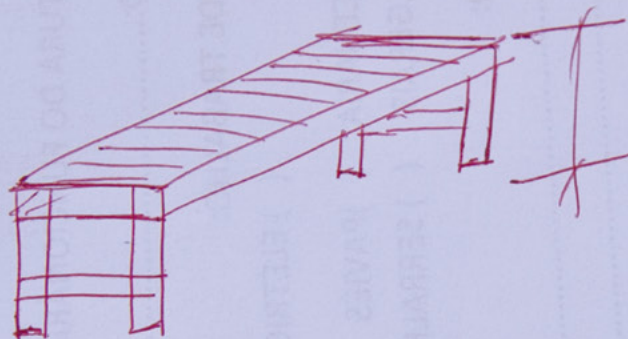
Encontro médio

Festa  
de  
15 anos

Consciência

ca  
1

Quem somos

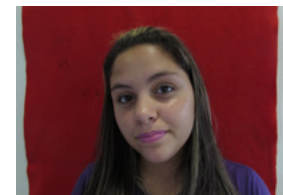




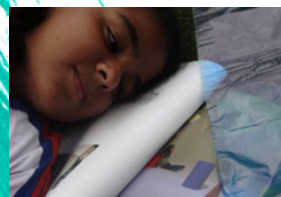
Ana Flávia



Anna Clara



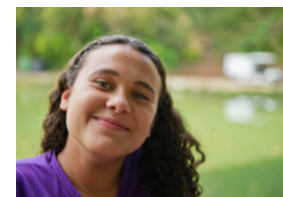
Bruna Gabriely



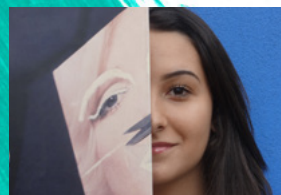
Camila



Célio Eduardo



Daniela



Gabriela



Giovanni



Igor



Isabel



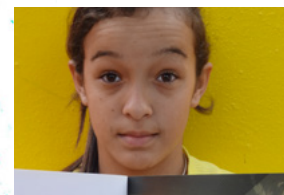
Janderson



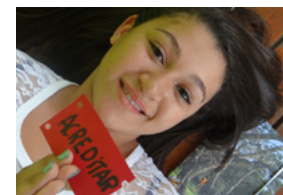
Joana Karen



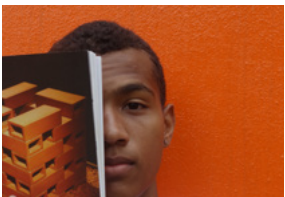
Karla



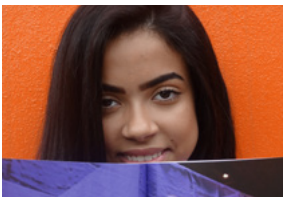
Kelly



Larissa



Lucas



Milena



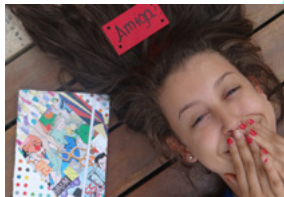
Milene Raíssa



Patrick



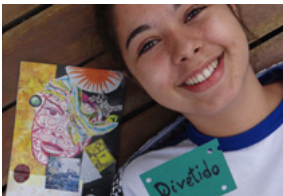
Rafaela



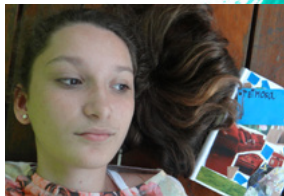
Raiane



Rhayane Estéfane



Vanessa



Victória Luiza



Vitória Cristina



Vitória Lorrane



Wender Vitor

# Agradecimentos

O Educativo Inhotim agradece ao **Itaú** que, por meio da Lei Federal de Incentivo à Cultura, patrocinou o projeto.

Agradecemos também a Secretaria Municipal de Educação de Brumadinho em nome da Senhora Secretária Neide Alves de Lima, pelo apoio. Acima de tudo, agradecemos aos pais e familiares dos participantes, que confiaram no trabalho desta equipe.

Agradecemos aos profissionais que compartilharam conosco suas práticas artísticas e educativas, contribuindo muito para nossas atividades em 2015: Alma Quintana, Cléverson Salvaro, Sílvia Herval e Luana Onha.

# Ficha Técnica

Diretor Executivo **Antônio Grassi**

Diretora Executiva Adjunta **Raquel Novais**

Gerente de Educação **Yara Castanheira**

Supervisora de Educação **Lília Dantas**

Equipe Laboratório Inhotim **Danilo Faria, Eduardo Martins, Jéssica Cruz e Tamara Oliveira**

Projeto Editorial **Lília Dantas**

Projeto Gráfico **Núcleo de Design Inhotim**

Revisão **Guilherme Lessa**

Fotografias **William Gomes, Rossana Magri, Daniela Paoliello, Jéssica Cruz**





Apresentação:

INHOTIM

Patrocínio:



Realização:

Ministério da  
Cultura

GOVERNO FEDERAL  
**BRASIL**  
PÁTRIA EDUCADORA